

RESUMO EXPANDIDO ESTRUTURADO - ESTUDOS EXPERIMENTAIS E DE
REVISÃO- METODOLOGIAS DE REVISÕES SISTEMÁTICAS,
INTEGRATIVAS, METAANÁLISE E MODELOS EXPERIMENTAIS EM
PESQUISA BIOMÉDICA.

**ATUAÇÃO DA FISIOTERAPIA LÚDICA NAS CRIANÇAS COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)**

Yasmim Martins Silva (yasmimenf2@gmail.com)

José Vinicius Alves Patricio (viniciusalvesbrr@gmail.com)

Bárbara Alexandre Pacífico De Araújo (bpacifico72@gmail.com)

Claudia Alves De Alencar (claudiaaalencar03@gmail.com)

Maria Deuzilene Da Silva (mariadeuzilene4321@gmail.com)

Antonia Daiane Silva De Lavor (dayanelavor31@gmail.com)

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é classificado pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5-TR (2023) e pela Classificação Internacional de Doenças – CID-11 (OMS, 2022) como um transtorno do neurodesenvolvimento que compromete de forma variável a comunicação, a interação social e o comportamento. Caracteriza-se por padrões repetitivos e restritos de interesse e atividade, geralmente identificados nos primeiros três anos de vida, com maior prevalência no sexo masculino. O TEA apresenta um espectro amplo, o que significa que cada pessoa pode manifestar os sintomas de forma distinta, variando desde leves dificuldades sociais até

comprometimentos mais graves da comunicação e da autonomia funcional. Estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2022) indicam que uma a cada 100 crianças no mundo pode apresentar algum grau de autismo, o que torna esse transtorno uma questão relevante de saúde pública e social.

No Brasil, ainda são escassos os estudos epidemiológicos que retratam a realidade nacional, mas pesquisas como as de Guedes et al. (2015) já apontam para o aumento progressivo dos diagnósticos. As crianças com TEA frequentemente apresentam hipotonia muscular, déficit de equilíbrio, dificuldades de coordenação motora e atraso psicomotor, o que compromete suas atividades diárias e a interação com o meio. Diante disso, o papel da fisioterapia é fundamental, pois atua diretamente na promoção da função motora, da postura, do equilíbrio e da mobilidade, favorecendo a independência e a inclusão social (Azevedo, 2016; Gusmão, 2016).

Entretanto, a simples aplicação de exercícios convencionais pode se tornar pouco atrativa e desmotivadora para crianças autistas, que apresentam padrões de comportamento repetitivos e resistência a mudanças. Nesse sentido, o uso de atividades lúdicas dentro do contexto fisioterapêutico tem se mostrado uma alternativa eficiente. A ludicidade envolve o brincar, o jogo e a imaginação como recursos de aprendizado e reabilitação. Segundo Nascimento (2020) e Siaulys (2021), o brincar é a linguagem natural da criança e o meio mais eficaz de promover desenvolvimento integral. Assim, a fisioterapia lúdica se propõe a transformar o tratamento em um momento de prazer, descoberta e interação, facilitando a adesão da criança ao processo terapêutico e promovendo resultados mais abrangentes.

OBJETIVO

Analisar, por meio de uma revisão de literatura, a atuação da fisioterapia lúdica em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), identificando seus efeitos sobre o desenvolvimento motor, cognitivo, emocional e social, bem como sua contribuição para a promoção da autonomia, da comunicação e da inclusão social dessas crianças.

METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma revisão de literatura de caráter qualitativo e descritivo, que teve como objetivo reunir, analisar e discutir produções científicas sobre a atuação da fisioterapia lúdica em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

A busca dos artigos foi realizada entre janeiro e junho de 2025, nas bases de dados PubMed, SciELO, BVS, PEDro e Google Acadêmico, utilizando os descritores “transtorno do espectro autista”, “fisioterapia lúdica”, “ludicidade”, “autismo” e “tratamento”, combinados pelos operadores booleanos AND e OR, em português e inglês.

Após a busca, os estudos foram selecionados por título e resumo, seguidos da leitura completa e aplicação dos critérios de inclusão e exclusão. Foram incluídos artigos em português e inglês, voltados à população infantil (0 a 12 anos) com TEA, que abordassem intervenções fisioterapêuticas lúdicas. Foram excluídos trabalhos duplicados, sem acesso ao texto completo, pagos ou que não tratassem diretamente do tema.

Para assegurar a qualidade metodológica, os estudos foram avaliados por meio dos instrumentos CASP (Critical Appraisal Skills Programme), aplicado a estudos qualitativos e revisões, e PEDro (Physiotherapy Evidence Database Scale), utilizado em estudos clínicos e experimentais. A pontuação obtida permitiu classificar os artigos como de qualidade alta (≥ 8), moderada (5–7) ou baixa (≤ 4), sendo considerados apenas os de qualidade moderada ou alta.

A análise dos dados foi feita de forma descritiva e temática, agrupando os achados conforme quatro dimensões principais: desenvolvimento motor, cognição e atenção, interação e vínculo social e autonomia e comportamento adaptativo. As informações extraídas incluíram autor, ano, tipo de estudo, amostra, recursos lúdicos utilizados, intervenções fisioterapêuticas e resultados.

Por fim, o processo de busca e seleção seguiu o modelo do fluxograma PRISMA, adaptado para revisões, contemplando as etapas de identificação, triagem, elegibilidade e inclusão dos artigos que compuseram a amostra final da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos a partir da análise dos 13 artigos mostraram que a fisioterapia lúdica gera impactos positivos em múltiplas dimensões do desenvolvimento infantil. Em termos motores, as crianças apresentaram melhorias significativas no equilíbrio, na força, na coordenação motora fina e grossa, e na postura corporal. Estudos como os de Fujisawa & Manzini (2006) e Caricchio (2017) comprovaram que o uso de atividades recreativas durante as sessões de fisioterapia favorece a adesão ao tratamento e acelera a evolução motora.

Em relação ao comportamento e à socialização, autores como Santos & Ferreira (2013) e Chicon et al. (2019) observaram aumento na interação social e na motivação das crianças, especialmente quando as brincadeiras envolviam contato visual, trocas de papéis e cooperação com outras pessoas. O brincar permitiu que as crianças desenvolvessem habilidades comunicativas de forma espontânea, reduzindo o isolamento social característico do autismo.

Nos aspectos cognitivos, os estudos apontaram ganhos em atenção, concentração, memória e raciocínio lógico, demonstrando que as atividades lúdicas estimulam o cérebro de forma integrada. Já Almeida & Rodrigues (2021) e Fernandes et al. (2022) destacaram que a ludicidade contribui também para o fortalecimento da autonomia, permitindo que as crianças planejem e executem movimentos com mais independência, o que reflete em maior autoestima e segurança.

A análise dos estudos revelou que o brincar é uma ferramenta terapêutica poderosa, pois promove o engajamento ativo da criança no processo de reabilitação. Diferente das abordagens tradicionais, a fisioterapia lúdica transforma a sessão em um ambiente acolhedor e motivador, onde a criança aprende brincando. Segundo Siaulys (2006) e Tomé (2007), o lúdico estimula múltiplos sistemas sensoriais, integrando corpo, mente e emoção.

O TEA, por ser um transtorno multifacetado, exige intervenções que abranjam não apenas o aspecto motor, mas também a cognição e o comportamento. O brincar cumpre exatamente esse papel, pois proporciona prazer, reduz a ansiedade e estimula a interação social. Anjos (2016) reforça que trabalhar a psicomotricidade por meio de atividades recreativas é fundamental para evitar atrasos no desenvolvimento e promover o aprendizado funcional.

A literatura também aponta a importância de incorporar novas tecnologias, como jogos digitais interativos e realidade virtual, para potencializar os estímulos e manter o interesse da criança. Draudvilienė (2024) e Albuquerque

et al. (2021) relatam que essas ferramentas melhoram o desempenho motor e cognitivo, promovendo um aprendizado mais rápido e eficaz. Outro ponto relevante é a participação da família no processo terapêutico: quando os cuidadores são orientados e participam das atividades, há maior continuidade dos estímulos em casa, o que amplia e consolida os resultados obtidos na clínica.

A fisioterapia lúdica, portanto, não se limita a corrigir movimentos, mas promove uma transformação integral na forma como a criança se percebe e se relaciona com o mundo. Ao unir técnica e afeto, o fisioterapeuta atua não apenas como um profissional da reabilitação, mas como um facilitador do desenvolvimento humano.

CONCLUSÃO

Conclui-se que a fisioterapia lúdica é uma abordagem indispensável e altamente eficaz no tratamento de crianças com Transtorno do Espectro Autista. Por meio do brincar, a criança se envolve ativamente no processo terapêutico, aprende a explorar o próprio corpo, desenvolve habilidades motoras e cognitivas e amplia suas possibilidades de interação social. O uso do lúdico transforma a fisioterapia em um momento de prazer, criatividade e aprendizado, fortalecendo o vínculo entre terapeuta e paciente e tornando o tratamento mais humanizado e eficiente.

Além dos benefícios físicos, a fisioterapia lúdica contribui para a melhora da autonomia, autoestima e inclusão social, aspectos fundamentais para a qualidade de vida da criança e de sua família. Assim, a ludicidade deve ser compreendida não apenas como uma ferramenta complementar, mas como um pilar essencial da fisioterapia pediátrica contemporânea, capaz de unir ciência, empatia e alegria em prol do desenvolvimento integral da criança com TEA.

Palavras-chave: transtorno do espectro autista; ludicidade; intervenção e fisioterapia pediátrica.